



## **A prática esportiva como pivô de disputas pela hegemonia internacional: a disputa pelo tênis - Alemanha x Inglaterra – Game, Set, Match.**

**Autor: Dr. Silvio Romero Martins Machado<sup>1</sup>**

### **Resumo**

A prática esportiva com frequência esteve vinculada às relações internacionais. Em geral, na sua origem, os esportes não só cultivam as habilidades a serem utilizadas no campo de batalha, como também auxiliam na dissipação da energia marcial dos guerreiros em tempos de paz. Nessa perspectiva, dentre os jogos de bola e raquete, surge o tênis. Em sua perspectiva europeia, desde o século XIII, vinculado à vida monástica, converteu-se em parte da educação de nobres e reis. Esse vínculo entre o esporte dos reis e a política emerge naturalmente e daí contamina, via *soft power*, as relações internacionais. Com a introdução do tênis moderno, a partir de 1874, e sua disseminação nos limites do Império britânico, a disputa entre a Inglaterra e a Alemanha para além da corrida colonial e das disputas diplomáticas, também adentrará as quadras de tênis.

**Palavras-chaves:** História do tênis, Relações internacionais, Corrida colonial, Soft power.

### **Abstract**

The sports practice, very often, was part of the international relations. In general, in its origin, the sports not just developed the skills to be used in the battle field, but as well helped in the dissipation of the warrior's martial energy in times of peace. In this perspective, among the games of ball and racket, emerged the tennis. In its European perspective, since the XIIIth century, connected to the monastic life, converted itself in part of the education of nobles and kings. This connection between the sport of the kings and politics came out naturally and contaminated, through soft power, the international relations. As the modern tennis was introduced, since 1874, and its spreading till the limits of the British empire, the dispute between England and Germany move beyond of the colonial race and diplomatic disputes, but, as well, stepped in the tennis courts.

**Key words:** Tennis history, International relations, Colonial race, soft power.

Os esportes em geral, nas suas origens, simulam situações de conflito e competição sem o recurso da violência (em tese). São utilizados para o desenvolvimento de habilidades físicas e mentais que posteriormente serão utilizadas nos campos de batalha. Também, a exemplo dos torneios medievais, foram utilizados para canalizar a energia viril e marcial dos guerreiros em tempos de paz.

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela PUCRS. Pesquisador na área de relações internacionais e história do tênis. Professor da Audiplo – Relações Internacionais e Educação. Email: machado.srm@gmail.com



No plano dos objetivos dois se destacam: a submissão do adversário ou a conquista territorial ou de riquezas.

As origens do tênis podem ser traçadas ao século V a.C. quando os gregos já praticavam esportes com bola nas chamadas *Spheristerias*, nome que depois será tomado de empréstimo pelo Major Wingfield no lançamento do seu *Sphairistikè* ou *Lawn Tennis*.

De forma sistemática a alusão ao tênis, surge nos mosteiros franceses a partir do século XIII, como *Jeu de Paume*, que era um jogo praticado batendo-se numa bola com a palma da mão. A posterior utilização de luvas e outros objetos que ampliavam a área da mão acabaram dando origem à raquete. Esta, desde um bastão ou simples tamborete, evoluiu para as peças de tecnologia avançada conhecidas hoje.

Ainda com relação ao *Jeu de Paume* com sua origem atribuída ao oriente, possivelmente ao Egito, podemos afirmar que jogos de bola utilizando-se instrumentos ou os membros do corpo para a rebatida se disseminaram por todo o mundo. Do Oriente à Europa, da Pérsia à Ásia e às Américas, diversas civilizações apresentavam diferentes manifestações dos jogos de bola.

Essa disseminação geográfica do jogo também permite observar que, ao contrário do que o tênis moderno sugere, já na Europa Medieval e Moderna sua prática ocorria tanto entre as elites quanto entre as classes populares. Nessa época havia os chamados jogos de raquetes. Uma variada gama de jogos que utilizavam bolas e rebatedores (as raquetes com encordoamento vêm mais tarde) regidos por diversos conjuntos de regras.

Por sua vez, a prática do Royal Tennis de fato pertencia à realeza e às cortes. Sua prática em espaços fechados exigia recursos para a construção e manutenção das *courts*. A imaginação divaga ao ler-se um relato do ano 1522 dando conta de uma partida de duplas, tendo de um lado da quadra Henrique VIII, um excelente jogador inspirado por seu pai Henrique VII, que havia consolidado o tênis na Inglaterra, e o Imperador Carlos V contra o Príncipe de Orange e o Marques de Brandenburgo. Nessa época a tecnologia das bolas de tênis criava um problema de etiqueta, uma vez que com frequência as bolas deixavam de quicar e rolavam pelo chão. Impensável que essas altezas pudessem se abaixar para juntar as bolas. A solução foi fazer um jogo de



duplas com trios, atuando Lorde Edmund e o Conde de Devonshire como *stoppers*, que paravam a rolagem da bola e a recolhiam do chão para serem recolocadas em jogo.

Pela sua popularidade, o tênis aparece em diversas obras literárias ao longo da história. Erasmo de Roterdã diz preferir jogar com a mão ao invés de utilizar a raquete com cordas (*net*) e sugere deixar as redes para os pescadores. O tênis também será citado por Shakespeare, Rabelais e Chaucer em suas obras literárias.

O tênis moderno (re)surgiu em 1874 como *Lawn Tennis*, com a grande sacada comercial de Walter Clopton Wingfield, Major do Exército Britânico, o qual, a partir de 1874, passou a vender kits de quadras de tênis portáteis, que podiam ser montados em qualquer lugar ao ar livre. Segundo ele, até mesmo sobre o gelo. O Major tem o mérito de ter popularizado o esporte e preliminarmente ter padronizado suas regras através do livrinho que acompanhava seus kits. Mas de fato atribuir-lhe o papel de inventor do esporte é excessivo. No caso do tênis, conforme Lance Tingay<sup>2</sup>, como de outras manifestações da cultura material da humanidade, é o caso de observar-se sua evolução e não sua invenção. O momento da chegada desse novo produto ao mercado coincide com certo abandono do críquete, neste ponto já considerado por muitos como um jogo enfadonho. Amplas extensões de grama bem cuidadas e agora ociosas podiam ser utilizadas para a instalação das quadras portáteis do Major. Daí a vinculação com o termo *lawn*, gramado em inglês.

No continente, do outro lado do Canal da Mancha, em virtude do clima, os gramados verdejantes das quadras de tênis feneceram, e logo o esporte passa a ser praticado sobre o saibro. Esse piso se prolifera por diversos países do continente europeu e também marcará a prática do tênis na América do Sul.

Contudo, o que se observa no final do século XIX é uma propagação do tênis por todo o mundo. Tomando a breve cronologia apresentada por Giffoni<sup>3</sup>, o tênis, por volta de 1880, já era praticado na Índia, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Argentina, Brasil, Chile e Japão. E, claro, por todo o continente europeu, sendo ainda uma manifestação de refinamento e sofisticação das diversas cortes existentes nesta parte do mundo.

---

<sup>2</sup> Tingay foi um laborioso jornalista esportivo britânico que publicou diversos livros sobre o Tênis. Até o advento do ranking computadorizado da ATP, o ranking anual publicado por ele era uma das referências do tênis mundial.

<sup>3</sup> Giffoni, Edmundo. Tênis – catarse moderna. Porto Alegre: Feplam, 1989.



Na América do Norte, especificamente nos Estados Unidos, podemos optar pelas versões disponíveis sobre o pioneirismo do esporte. Ou creditamos a Mary Outerbridge, que parece ter trazido o jogo de contrabando de uma viagem às Bermudas. De fato, a moça precisou da ajuda do influente irmão para desembaraçar a caixa com seus apetrechos de *lawn tennis* na alfândega. Ou creditamos o pioneirismo a F. Richard Sears e a James Dwight, os quais, de posse de uma das caixas do Major, montaram sua quadra em Nahant, Boston.

De qualquer maneira, ambos os episódios se situam por volta de 1874 e consagram a Nova Inglaterra como o berço do tênis nos Estados Unidos. Seja em Boston ou em Staten Island, o esporte surge com o carimbo da elite americana. Logo os praticantes buscaram unificar as regras para as competições nacionais. Em 1880 foi organizada a USLTA (o *lawn* ainda fazia parte do nome), posteriormente rebatizada como USTA à medida que a grama vai perdendo seu espaço. E é estabelecida, a partir de 1881, a realização de um campeonato nacional iniciando-se no dia 31 de agosto. Esta, até os dias de hoje, é a data de início do US Open.

### **O tênis adestramento físico e nacionalismo**

Na perspectiva de um jogo de conquista de território, a prática do tênis, anterior a 1874, produzia um jogo mais parecido com uma partida de futebol americano do que com o esporte que praticado hoje.

Na versão original, uma equipe atacava tentando marcar um goal representado por um alvo na parede. A equipe defensora buscava devolver a bola sempre o mais fundo possível para evitar a aproximação dos atacantes, os quais buscavam aproximar-se da barreira que limitava seu campo, uma corda, rede ou grade baixa, e dali tentar o tiro certo. Essa lógica, de um time atacante e outro defensor, sobreviveu alguns anos nas regras do tênis moderno, que inicialmente era praticado com a virada de lado apenas a cada set.

Através da história, o esporte tanto funcionava como um passatempo em tempos de paz, como era também um preparativo e adestramento das habilidades físicas para os tempos de guerra.



Na Alemanha, a prática da ginástica, idealizada por seu fundador Vater Jahn, uniu-se ao espírito nacionalista da época em virtude do avanço francês nas Guerras Napoleônicas. Segundo Silva<sup>4</sup>:

“as noções de unidade, de pátria, de povo começam a fazer parte da maneira de pensar, de sentir e de viver dos alemães. Influenciados pelas ideias de filósofos de sua época, que viam na educação do povo um potencial para a “salvação da nacionalidade alemã”, Jahn considerava essencial a educação do corpo, sua fortificação e equilíbrio, servindo como elemento dinamizador do sentimento nacional alemão. [...] O radical Turn, do qual são derivadas mais de sessenta palavras, tem um significado muito mais amplo do que a palavra “ginástica” pode expressar. É certo tipo de ginástica – a ginástica alemã do século XIX: corporal, moral e nacional”.

Por sua vez, na França, após a derrota na Guerra franco-prussiana de 1870, Pierre de Fredy, o Barão de Coubertin, acreditava que a dedicação aos esportes seria o caminho para restaurar o moral dos franceses.

Mais adiante, na Primeira Guerra Mundial, veremos ao lado de um recrutamento em massa de esportistas também a utilização da técnica esportiva em ações de combate. Vários esportistas deixaram a vida nos campos de batalha da Grande Guerra de 1914. Numericamente as equipes de rúgbi francesas foram as que deram a maior contribuição aos pelotões da pátria. Mas certamente o esportista mais famoso vitimado nesse conflito foi Roland Garros. Às da aviação francesa, que morreu três semanas antes do final da guerra, foi um multiesportista que, conforme a fonte consultada, pode ou não ter praticado o tênis. De toda a forma, sendo mais lembrado como exímio ciclista.

### **Ainda sobre a Alemanha**

---

<sup>4</sup> Silva, Haïke Roselaine Kleber da. Sogipa: Uma trajetória de 130 anos. Porto alegre, Gráfica Editora Palotti, Editores Associados Ltda, 1997.



Por coincidência, o tênis na Alemanha busca sua consolidação na mesma época em que as associações germânicas vão se organizando em Porto Alegre, no sul do Brasil.

Os principais centros tenísticos do país eram Hamburgo, Bad Homburg e Heiligendamm. Em 1897 se organiza o primeiro campeonato de tênis aberto da Alemanha, em Hamburgo.

Desde 1871, a Alemanha recém-unificada busca sua consolidação. Um dos elementos essenciais nessa consolidação era a questão da língua. Esse esforço atingiu diversas áreas da vida pública, tais como o correio imperial, os serviços telegráficos, as estradas de ferro, a legislação, a educação, a administração e, especialmente no caso alemão, as forças armadas. Esse esforço pela consolidação nacional se estendeu também aos esportes.

No caso do tênis, a organização da *DeutscherLawn-TennisBund* (Federação de Lawn-Tennis da Alemanha), em 1888, abriu caminho para a afirmação da língua alemã nesse esporte. O objetivo era superar o predomínio britânico, que definia todo o vocabulário, assim como as regras do esporte. Como fruto desse esforço, em 1904, foram publicados no anuário do Barão Von Fichard, encarregado de teutonização do vocabulário tenístico, os termos e as frases convertidos para o alemão, acompanhados do seu equivalente em inglês. De fato, o projeto da Federação Alemã era mais ambicioso. Como destaca Gillmeister<sup>5</sup>,

“assim que tivessem sua própria associação, seriam completamente independentes. O tênis alemão, mesmo não tendo razões para estar em desacordo com a LTA (a inglesa *Lawn Tennis Association*), poderia andar por conta própria sem precisar seguir a liderança britânica. Por enquanto as regras da LTA seriam mantidas sem modificações expressivas. Mas assim que a necessidade fosse sentida, pelas condições existentes na Alemanha, as regras seriam alteradas sem consulta à Inglaterra. Nos torneios disputados em solo alemão, os jogadores estrangeiros teriam de observar as regras e a organização adotada pela Federação Alemã, da mesma forma que os jogadores alemães deveriam obedecer aos estatutos estrangeiros quando competindo no exterior”.

---

<sup>5</sup> Gillmeister, Heiner. *Tennis – a cultural history*. Leicester University Press, 1997.



Em relação ao tênis, o complexo de inferioridade da Alemanha ainda se agrava por outros motivos.

O primeiro deles é que tanto em Hamburgo, quanto em Bad Homburg, próxima a Frankfurt, os eventos tenísticos anuais, prestigiados pela nobreza alemã e europeia, entravam em êxtase com as regulares visitas de Eduardo VII, Rei da Inglaterra. Sobre o rei dos ingleses, o Kaiser Guilherme II, seu sobrinho, afirmava tratar-se do arquiconspirador do isolamento da Alemanha. O Kaiser sentia-se desprestigiado. Além disso, a prática do tênis na Alemanha, desde seus primórdios, está ligada aos ingleses residentes e visitantes no país.

Desde 1897, ano inaugural do Aberto da Alemanha, este torneio foi amplamente dominado por estrangeiros com a irritante predominância dos ingleses. Foram sete títulos britânicos, um norte-americano e dois franceses.

Somente em 1907 é que o orgulho alemão será festejado com a vitória de Otto Froitzheim, vencendo na final o tetra campeão com títulos consecutivos, o britânico Josiah George Ritchie. No ano seguinte, o Major Ritchie voltaria a conquistar o *German Open*, mas o tênis alemão já havia conquistado um patamar de competitividade para assegurar o triunfo dos atletas locais. Assim o tênis alemão cumpria, finalmente, seu papel na afirmação da Alemanha entre as nações desenvolvidas do mundo.

### **Reflexos da influência britânica e alemã no sul do Brasil**

No Brasil, o esporte ingressa junto com a bagagem dos europeus. O processo de modernização pelo qual o Brasil passa no final do século XIX, sob a influência do capital britânico, e já renunciando a proclamação da República, ajudou a difundir o tênis, que chegou pelas mãos dos técnicos da Light and Power (energia elétrica) e da São Paulo Railway (estradas de ferro), dedicados ao processo de urbanização dos grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Muitos desses técnicos e engenheiros trabalhavam para o magnata Percival Farquhar, que acreditava que nenhum país do mundo poderia se desenvolver adequadamente sem contar com bons hotéis e cozinheiros refinados. Para suprir essas lacunas no Brasil do início do século XX, construiu em São Paulo a elegante Rotisserie Sportsman. Atribui-



se ao São Paulo Athletic Club a construção das primeiras quadras de tênis no Brasil, em 1892. No estado do Rio de Janeiro, foi o Fluminense o pioneiro na prática do tênis.

No Rio Grande do Sul, o tênis também se expandiu ao longo das linhas férreas.

Em Porto Alegre, a introdução do tênis também ocorre sob a influência de estrangeiros. Porém, aqui foram os imigrantes alemães e seus descendentes que deram as primeiras raquetadas.

O mosaico político e cultural da segunda metade do século XIX oferece um colorido especial ao momento da fundação de diversos clubes teuto-brasileiros em Porto Alegre.

Devemos lembrar que a partir da unificação da Alemanha, ocorrida em 1870, essa jovem nação ao, ingressar tardiamente no ímpeto colonial europeu, passou a atribuir importância relevante às colônias de alemães no exterior. O ideário do pangermanismo motivava a disseminação da cultura, dos valores e as relações econômicas das comunidades no estrangeiro com a pátria natal. Além disso, a reunião dos imigrantes alemães e seus descendentes, no além-mar, tinha um forte componente identitário e cultural. Assim a identidade era preservada e fortalecida, ao mesmo tempo em que se criava um sentimento de exclusividade em torno de seus membros. Em algumas dessas associações, era exigido falar-se o alemão para admissão. Na época, isso não era exclusividade dos *clubs* alemães. O Albion Tennis Club, fundado em 1896, por ingleses, não permitia o ingresso aos nacionais, exceto para visitas através de convites especiais.

Essa reunião e a diferenciação social também eram motivadas por questões de ordem social e econômica. Os alemães que se fixaram em Porto Alegre na segunda metade do século XIX diferenciavam-se de seus patrícios das primeiras levas de imigrantes. Parte deles vinha para o Brasil como forma de livrar-se de perseguições políticas, especialmente aqueles que haviam compartilhado do ideário liberal disseminado pela Europa com as revoluções liberais de 1848.

Além disso, esses teuto-porto-alegrenses, em sua maioria, possuíam um padrão de vida médio. Segundo pesquisa realizada por Magda Gans<sup>6</sup>, em 1853, dentre 1203 teutos residentes na capital, se observava que 6,5% possuíam nível socioeconômico baixo, 74,9% nível médio e 18,5% nível alto.

---

<sup>6</sup> Gans, Magda Roswita. Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889). Porto Alegre, 1996. Dissertação de mestrado em História – UFRGS.



Outro elemento que enriquece esse cenário de final de século é o fenômeno chamado de *Belle Époque*, relacionado com a modernização e o embelezamento das cidades pelo mundo. A modernização viária e arquitetônica promovida por Haussmann, em Paris, era o polo irradiador para o mundo desse movimento. No Brasil, a modernização urbana seria mais visível a partir da subida ao poder de Campos Sales em 1898, sobretudo na gestão de Pereira Passos à frente da prefeitura do Rio de Janeiro (1902 – 1906).

Porto Alegre, a cidade-aldeia, na expressão de Borges de Medeiros, que procurava modernizar-se, iniciara seu processo de renovação a partir da gestão de José Montaury, sendo seguido por Octávio Rocha e Alberto Bins. Esses três intendentess tiveram passagens marcantes no que tange à modernização. Segundo Pesavento<sup>7</sup>:

“Havia uma cidade do desejo, uma cidade pensada, sonhada. Na qual se pretendia unir a técnica à estética, prevendo aterros, arruamentos, novas construções, espaços de lazer, saneamento, transportes, rentabilidade econômica para a iniciativa privada, isenção de impostos. Ecos de Haussmann e de Paris pareciam chegar à beira do Guaíba, sonhando com uma moderna cidade de Porto Alegre!”.

Nesse contexto de modernização, outro aspecto que devemos levar em consideração é a relevância da imigração germânica. Por volta de 1880, crescia a influência da presença alemã na cidade com a prática de esportes como o ciclismo, o remo e o tiro. Funda-se uma série de sociedades e clubes congregando a comunidade imigrante. Os alemães trouxeram esse novo componente da vida em sociedade para Porto Alegre. Esta influência estava presente no estilo arquitetônico dos prédios, estabelecimentos comerciais, novas empresas e sociedades fundadas.

No período compreendido entre meados do século XIX e princípio do século XX, foram criadas 10 associações esportivas em Porto Alegre pela iniciativa dos teuto-brasileiros: Turnerbund (1867), Von Musterreiter (1885), Ruder Club (1888), Ruder-Verein Germânia (1892), Club Walhalla (1896), Rodforvier Verein Blitz (1896),

---

<sup>7</sup> Pesavento, Sandra J. Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre. In: República Velha (1889-1930) Tomo II, Volume 3. Passo Fundo: Méritos, 2007. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul.



Deutscher Schristzen Verein (1897), União Velocipédica (1899), Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (1903) e Fussball Porto Alegre (1903).

Esse número expressivo reforça a importância das associações como sustentáculos das tradições de origem dos teuto-brasileiros na fase de adaptação ao novo país.

As exigências estabelecidas para o ingresso nas associações teuto-brasileiras eram influenciadas pelos critérios de nacionalidade alemã. Para associar-se, era necessário ser imigrante alemão ou teuto-brasileiro e pertencer à elite teuto-brasileira. As associações eram reconhecidas como espaços da elite, cuja finalidade era tornar visível o lastro econômico, social e político do grupo, além da matriz cultural.

Em 1914, iniciou-se a prática do tênis no Turnerbund. As duas primeiras quadras foram construídas na área adquirida no bairro São João, com extensão total de 100.000 m<sup>2</sup>, numa região da cidade ainda dominada por chácaras.

O grupo tenístico original foi denominado Tennis Club Germânia, e funcionava de forma autônoma em relação ao Turnerbund, embora houvesse a exigência de seus membros serem sócios deste. Somente em 1939 o TC Germânia passou a integrar oficialmente o Turnerbund como seu departamento ainda mantendo diretoria própria.

Nos tempos da Segunda Guerra Mundial, as agremiações teuto-porto-alegrenses passaram por momentos delicados. Junto ao Turnerbund, o proselitismo nazista fazia-se através do departamento de canto, além disso, a sociedade era pressionada a ingressar na liga das Sociedades Alemãs no Estrangeiro. Após acalorados debates internos, em assembleia, os sócios do Turnerbund, em seus estatutos, dispuseram a proibição expressa de seus sócios manifestarem-se sobre assuntos de natureza política, bem como reafirmou na ocasião sua fidelidade à nação brasileira.

Ainda nesse período turbulento, no ano de 1942, observamos a mudança de denominação do TC Germânia, que passa a se chamar TC Ipiranga; enquanto o TC Walhalla passa a chamar-se TC Moinhos de Vento. Este, em 1977, foi incorporado pela Associação Leopoldina-Juvenil e o TC Ipiranga teve sua denominação abolida, assumindo sua condição de departamento de tênis da Sogipa. No mesmo ano de 1942, comemorando seus 75 anos, o Turnerbund, aproveitando o momento político, traduz seu nome e passa a chamar-se Sociedade Ginástica Porto Alegre – Sogipa.

A partir dos quatro clubes precursores do tênis em Porto Alegre, será fundada, em 1929, a Federação Rio-grandense de Tênis. São os fundadores da Federação: o



Excursionista e Sportivo (Clube do Comércio), o Tênis Clube Walhalla (ALJ), o TC Germânia (Sogipa) e o British Club. Segundo o primeiro relatório de diretoria do conselho superior, de 09 de abril de 1929,

“com o grau de desenvolvimento do tennis entre nós, caracterizado pela existência, só nesta capital, de cinco clubes desse esporte, exige, indiscutivelmente, uma entidade soberana que, pela colaboração de elementos representativos das sociedades filiadas, procure estreitar as boas relações entre as mesmas sociedades, as oriente, praticamente e dirija os prélios oficiais, com o nobilitante e são propósito de incrementar o interesse pelo tennis e elevá-lo ao nível de destaque que desfructa alhures!”<sup>8</sup>.

Posteriormente a já Federação Gaúcha de Tênis seria uma das fundadoras da CBT – Confederação Brasileira de Tênis.

O tênis, até os dias de hoje, convive com uma imagem de elitismo que não lhe faz justiça completamente. Por um lado, como qualquer esporte que exige o domínio da técnica, disciplina e habilidade, os seus praticantes, assim como os de qualquer esporte, compartilham entre si esse sentimento de elitismo que diferencia aqueles que praticam o esporte de forma sistemática dos que não o praticam.

Além dessa conotação, o tênis, que historicamente era praticado dentre outros esportes de raquetes, também era jogado nas classes populares. Contudo, na medida em que o tênis se diferencia e passa a ser praticado na quadra fechada, obviamente os custos associados à construção e manutenção desse espaço estabelecem um caráter elitista para o esporte. Claro que o fechamento do espaço para a prática do esporte imediatamente estabelece essa diferenciação entre quem pode entrar e os que ficam do lado de fora. Nesse sentido, também a disseminação do tênis em meados do Século XIX, pós-Wingfield, ao ocupar as quadras de grama dos *clubs*, *country-clubs* e dos *Spas* europeus e além, estabelece uma distinção entre os frequentadores desses espaços, praticantes do tênis ou não, e os demais. Ao longo do tempo, as roupas, a contagem diferenciada, as expressões estrangeiras e todos os maneirismos em torno do esporte branco reforçam

---

<sup>8</sup> Federação Gaúcha de Tênis [www.tenisintegrado.com.br/perfil2/sobre/4301](http://www.tenisintegrado.com.br/perfil2/sobre/4301) disponível em 09/10/2015



essa imagem. Ao praticante do tênis era instantaneamente associada à imagem de cavalheirismo, boa procedência e referências sociais.

O Sr. José Endler, ex-presidente da Federação Gaúcha de Tênis dizia: “Carregar uma raquete de tênis permite o ingresso em qualquer clube!”.

Funcionava como uma credencial social.

Sintomaticamente, ao ler-se os relatos biográficos dos grandes tenistas brasileiros dos anos 40 e 50, colhidos por Marcher e Carta<sup>9</sup>, podemos observar como para alguns deles é importante destacar o fato de nunca terem sido juntadores de bola. Sabemos que na história do esporte, grandes jogadores iniciaram suas carreiras juntando bolas e sendo ajudantes dos instrutores. Vide, naquela mesma geração, os geniais irmãos Fernandes.

Mas é no aspecto cultural e de classe que essa concepção elitista produziu um efeito obscuro na história do tênis. Ao elitismo, associado ao esporte, vinculou-se a concepção do amadorismo. Na verdade, esse *status* estabelecia uma distinção social muito além do fato de competir no esporte por dinheiro ou não. Segundo Gillmeister<sup>10</sup>, “Desde a fundação do London Amateur Athletic Club em 1866, que teve suas origens nos círculos universitários, o termo amador tornou-se sinônimo de cavalheiro”.

Ou seja, nos torneios exclusivos para amadores estabelecia-se uma exclusividade em termos de classe social. Com relação ao termo *gentleman*, Gillmeister<sup>11</sup> ainda esclarece que

“seu oposto semântico era profissional. O termo profissional, também associado a esportista que vivia dessa prática, tinha o estigma do trabalhador manual. Artesãos, pequenos lojistas, trabalhadores e servidores recebiam a denominação de profissionais. Sendo normalmente excluídos dos clubes de amadores”.

Essa referência obrigatória ao amadorismo dos competidores indica, com clareza, sobre qual a camada social o tênis se assentava nos anos 1870. Nessa época, quando a primeira edição de Wimbledon acontecia - 1877, o irlandês John P. Mahaffy, acreditando ter encontrado o amador inglês entre os atletas olímpicos da Grécia antiga,

<sup>9</sup> Carta, Gianni e Marcher, Roberto. O tênis no Brasil: De Maria Esther Bueno a Gustavo Kuerten. São Paulo: Códex, 2004.

<sup>10</sup> Faço a ressalva de que para nós brasileiros o termo cavalheiro não carrega o mesmo peso simbólico do termo *gentleman* para os britânicos.

<sup>11</sup> Gillmeister op. cit. pg. 194.



funda o mito do amadorismo olímpico, que será adotado pelo Barão de Coubertin. Esse mito, no tênis, causou grande prejuízo.

Talvez poucos jogadores tenham sofrido essa discriminação como Fred Perry. Em seu livro *An Autobiography*, de 1984, ele conta alguns desses episódios. Ao vencer Wimbledon pela primeira vez em 1934, o primeiro britânico em 25 anos, Perry, relaxando na banheira, ouve o Sr. Brame Hillyard, representante do Comitê do *Club*, dizendo ao australiano Crawford: - Hoje é um daqueles dias em que o melhor homem não venceu! E entrega a ele uma garrafa de champagne como prêmio consolação.

Perry, tendo vencido o australiano por 3 x 0 meia hora antes e, ainda nas finais do Australian e do US Championships, logo assimila a conotação do termo melhor homem. Ao sair do banho, ele encontra, sobre o banco do vestiário, o reconhecimento oficial da sua conquista: a honorária gravata de membro do *All England Club*. Ninguém nunca o parabenizou.

Em 1937, ao assinar seu contrato como profissional, uma das primeiras mensagens que recebeu foi de Sir Samuel Hoare informando que seria imediatamente destituído do título honorário do *All England Club* e que a gravata deveria ser devolvida. Fred Perry foi reinstituído como sócio em Wimbledon em 1949.

Mas a Grã-Bretanha teve que esperar até Andy Murray para conquistar o troféu e chegar à final da Copa Davis.

### **A prática esportiva e as relações internacionais**

Os jogos olímpicos na antiguidade, mesmo antecedendo o chamado sistema internacional, expressavam a formação de uma comunidade formada pelas diversas cidades-estados do mundo grego e demarcava de forma protocolar a confraternização e a suspensão da violência e da guerra entre elas, durante o período delimitado pelos jogos. Essa é a primeira associação que se pode fazer entre os esportes e as relações internacionais.

O esporte durante as idades média e moderna gradualmente estará associado à recreação e ao adestramento marcial dos cavaleiros.

O tênis, especificamente, como esporte da realeza irá integrar o protocolo das cortes sendo objeto de diversas referências textuais e pictóricas. Como podemos



observar na tela *A morte de Jacinto*, de Giambattista Tiepolo (1752-1753), estando presente no canto inferior direito da tela uma raquete de tênis, as bolas de tênis e ao fundo uma rede. O artista faz uma releitura da obra original na qual Jacinto teria sido ferido mortalmente por um arremesso de disco que praticava junto com o deus Apolo.

Para além do tênis, os esportes, em geral, marcam de forma simbólica o enfrentamento ou não, entre os estados nacionais.

Podemos pontuar essa perspectiva com disputas esportivas que se tornaram célebres na história dos esportes com destaque para o confronto entre a União Soviética e a Hungria na competição de polo aquático, o chamado jogo do sangue na água, pelas Olimpíadas de 1956, logo após a violenta repressão imposta pelos soviéticos sobre a rebelião húngara.

Ainda, destacamos a chamada Guerra do Futebol, em 1969, entre Honduras e El Salvador, por conta das eliminatórias para o mundial de 1970 no México, que provocou uma declaração de guerra entre os dois países em virtude da perseguição, expulsão e do assassinato de imigrantes e torcedores em ambos os países. O conflito resolveu-se no âmbito da OEA.

Também podemos anotar a vitória argentina sobre os ingleses em 1986, que teve para os platinos um significado excepcional em virtude da recente derrota na Guerra das Ilhas Malvinas/Falklands.

No contexto da Guerra Fria, foram também notórios os boicotes praticados por norte-americanos e soviéticos aos jogos olímpicos de Moscou e de Los Angeles, respectivamente. Boicote que não só confrontava o decantado espírito olímpico, mas que contaminava e incluía as práticas esportivas definitivamente nas estratégias de *soft power* das nações.

E, nessa perspectiva de *soft power*, atualmente, ao lado do circuito de Fórmula 1, observamos que as etapas do circuito de tênis profissional ATP e WTA<sup>12</sup> (associações do tênis masculino e feminino, respectivamente) tem se distribuído de forma a demarcar no plano das relações internacionais, sobretudo nos países emergentes, aquelas estratégias de inserção internacional de maior êxito. Como um grande circo, o circuito internacional de tênis faz suas paradas naqueles países/mercados de interesse dos grandes patrocinadores corporativos e, que a exemplo dos grandes eventos esportivos

---

<sup>12</sup> Association of Tennis Professional / Women's Tennis Association.



como as Olimpíadas e a Copa do Mundo, consigam oferecer as reciprocidades necessárias para a sua recepção. Tais eventos podem ser tomados com marcadores do grau de êxito ou frustração das estratégias de inserção internacional dos diferentes países.

#### Referências bibliográficas

CARTA, Gianni; MARCHER, Roberto. O tênis no Brasil – de Maria Esther Bueno a Gustavo Kuerten. São Paulo: Códex, 2004.

COLLINS, Bud. The Bud Collins History of Tennis. Second Edition. Washington: New Chapter Press.

DANZIG, Allison; SCHWED, Peter. The fireside book of tennis. New York: Simon and Schuster, 1972.

FISHER, Marshall Jon. A terrible splendor. New York: Three Rivers Press, 2009.

GANS, Magda Roswita. Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889). Dissertação de mestrado em História – UFRGS. Porto Alegre, 1996.

GIFFONI, Edmundo. Tênis – catarse moderna. Porto Alegre: Feplam, 1989.

GILLMEISTER, Heiner. Tennis – a cultural history. London: Leicester University Press, 1998.

HOFMEISTER FILHO, Carlos. Sogipa – 120 anos: doze décadas de história. Porto Alegre: Palotti, 1987.

MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade brasileira. In: História da vida privada no Brasil. Vol. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre. In: República Velha (1889-1930). Tomo II, Volume 3. Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo/RS: Méritos, 2007.

PHILLIPS, Caryl. The Right Set. A tennis anthology. New York: Vintage Books, 1999.

SILVA, Haike Roselaine Kleber. Sogipa: Uma trajetória de 130 anos. Porto Alegre: Palotti, 1997.

WHITMAN, Malcolm D. Tennis – origins and mysteries. Mineola/NY: Dover Publications, 2004.

